



LUÍS CUNHA

# TIMOR: A GUERRA ESQUECIDA

*Durante a II Guerra Mundial, Timor foi palco de violentos combates. Australianos, holandeses e japoneses disputaram, a palmo, o domínio sobre a colónia portuguesa. Apanhados no fogo cruzado, nativos e portugueses europeus ficaram abandonados à sua sorte. Muitos foram vítimas da neutralidade que Salazar teimava em manter a todo o custo*

*A guerra baseia-se no logro. Move-te quando for vantajoso e cria as mudanças de situação dispersando ou concentrando as tuas forças.*

Sun Tzu, *A Arte da Guerra*  
(Mao Tsé-tung parafraseou este verso  
frequentemente)

**L**ISBOA, Outubro de 1941. Num mundo em chamas, Oliveira Salazar tenta, por todos os meios, excluir o país, que ferreamente dirige, do dilúvio armado. Momentaneamente concentrado nas negociações para a cedência de bases aos Aliados, nos Açores, o presidente do conselho, que acumula a pasta dos Negócios Estrangeiros, assina, nesse mês, um acordo de carácter comercial com o Japão. Objectivo: a abertura de uma linha aérea entre Palao, na Nova Guiné, e Díli, na colónia portuguesa de Timor.

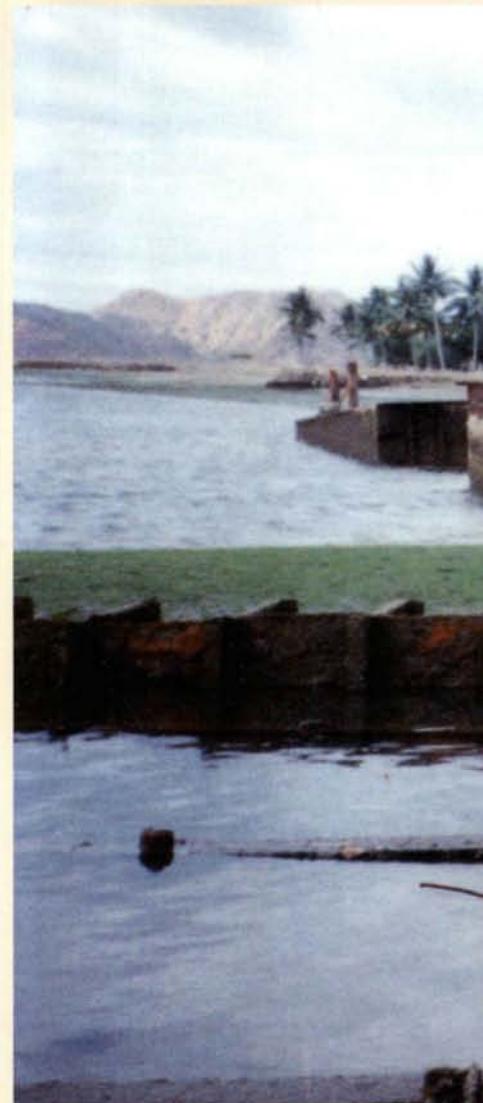
O Gabinete de Guerra australiano reage de imediato, não escondendo a sua

preocupação face àquilo que considera ser uma perigosa concessão aos interesses japoneses, tendo por pano de fundo o ambiente tenso que então já se vivia entre nipónicos e Aliados.

Na realidade, Salazar, ingenuamente ou não, dava uma espécie de "carta branca" aos japoneses para que, a coberto das aparentemente insuspeitas actividades da *Japan Airways Company*, estes tomassem contacto directo com um território estratégico para as suas ambições expansionistas no Sudeste Asiático.

Dois meses mais tarde a aviação nipónica desferia um duro golpe nas forças aeronavais estacionadas em Pearl Harbour, abrindo assim as hostilidades entre Aliados e japoneses no Pacífico. O véu da poderosa máquina de guerra japonesa tinha caído.

A braços com um penoso programa de rearmamento das



forças armadas e sem os meios humanos, logísticos e materiais, necessários à defesa efectiva da soberania portuguesa nas suas possessões orientais, o Governo português remete-se ao angustiante papel de espectador da contenda mundial, transportada para aquela zona geográfica.

O rápido desenrolar dos acontecimentos depressa inviabilizaria quaisquer medidas de fundo gizadas nas Necessidades. Timor estava irremediavelmente condenado a entrar para a História na qualidade de única parcela de território nacional directamente envolvida na II Guerra Mundial. Uma história escrita com o



*Lanchas de desembarque japonesas em Díli. Uma herança da devastadora passagem do Exército Imperial nipónico por Timor*

sangue das vítimas das circunstâncias.

### ***A intervenção aliada em Timor***

Aberta uma nova frente no conflito, que se alarga aos quatro cantos do globo, as atenções do Governo português concentram-se agora nas possessões orientais, uma das quais é, do ponto de vista geo-estratégico, vital para os beligerantes: Timor.

Deixando a descoberto as suas intenções bélicas no Pacífico, os japoneses tornavam-se motivo de grande preocupação para todas as

potências europeias que exercem, à época, soberania em colónia orientais.

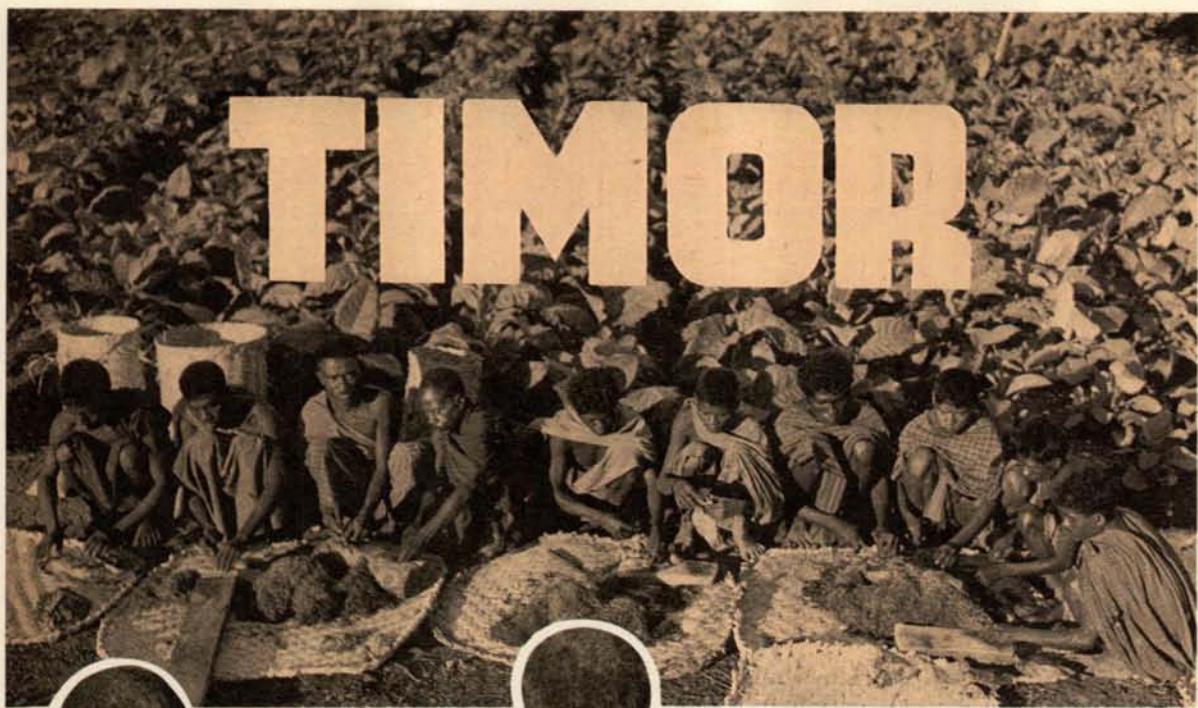
Neste contexto, uma rápida consulta ao mapa da região confirmava o privilegiado posicionamento de Timor como plataforma de assalto a quem quisesse subjuguar a Austrália.

*A posição de Macau parecia tornar-se difícil, por não estar coberta por nenhum plano defensivo e os ingleses não terem interesse imediato na sua defesa, ao passo que Timor despertava a cobiça dos japoneses, que há tempos, aliás, ali manifestavam as suas pretensões, quer no*

*domínio da agricultura e da exploração dos recursos petrolíferos, quer na utilização do aeroporto de Díli, com vista ao estabelecimento de uma carreira aérea que assegurasse o acesso à ilha, nas proximidades da Austrália — escreve o jornalista Mário Neves no livro Portugal na Segunda Guerra Mundial.*

De Lisboa seguiam mensagens para o governador de Timor dando conta da proximidade de submarinos japoneses e de voos de aeronaves nipónicas nas imediações da ilha. Quanto ao mais, Manuel Ferreira de

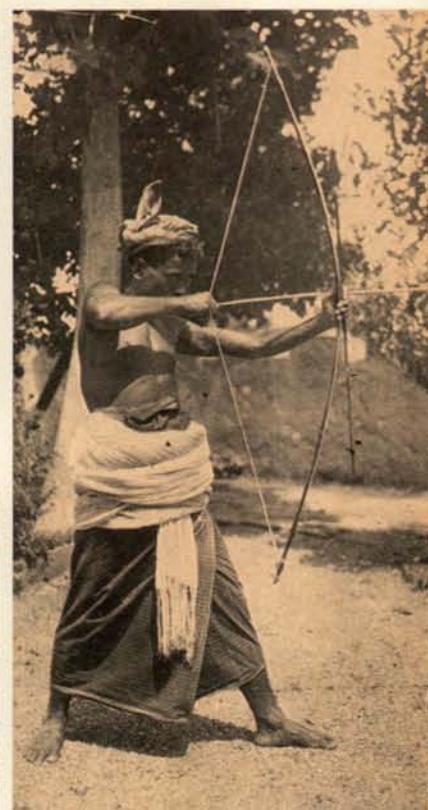
# TIMOR



Dois Indígenas procedendo ao corte de folhas de tabaco (processo primitivo usado pelos indígenas). Em baixo: Indígenas com os seus produtos a caminho do lugar de Balibó, (mercado semanal da região)

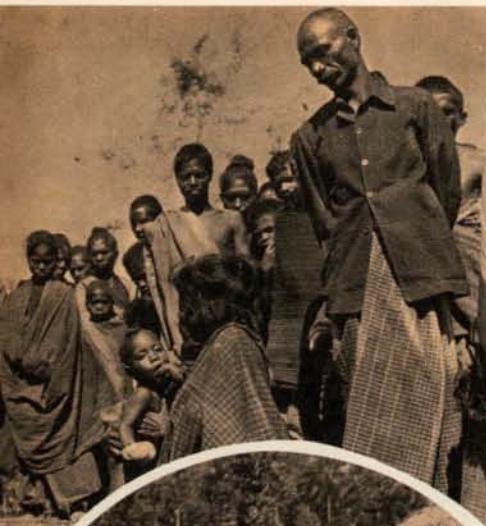


Vista parcial duma plantação de tabaco na região de Balibó. No primeiro plano vêem-se Indígenas procedendo ao corte de tabaco



Um indígena de Timor preparando-se para expedir uma flecha

Timor, durante a II Grande Guerra: assim era mostrada a província mais longínqua do Império ultramarino, numa reportagem do Século Ilustrado, em Março de 1942



Interior duma enfermaria de indigenas no «Hospital dr. Carvalho», em Lahave (Dili)



Ao alto: Grupo de indigenas na região da Ermera aguardando a vez de serem recenseados (no primeiro plano uma mãe dando o peito ao filho, já um tanto crescidinho). No círculo: Uma garralada em Dili

Interior da nova e monumental igreja de Dili. Em baixo: Indigenas, guerreiros, da região de Oé-Cussi (parte encravada no território holandês) num batuque de guerra



Carvalho pouco podia fazer. A guarnição militar da ilha roçava o ridículo, pelo que restava apenas a ténue esperança de que os beligerantes respeitassem a autoproclamada neutralidade portuguesa.

Não foi, porém, o caso. A 17 de Dezembro de 1941, forças holandesas e australianas desembarcam em Timor. A alegada iminência de um ataque japonês à ilha serviu de pretexto àquela manobra militar que deixou embaraçadas as autoridades administrativas da colónia portuguesa. No entanto, o governador havia recebido expressas instruções para não ripostar a um eventual desembarque militar, a menos que estivesse em presença de um ataque efectivo japonês.

Colocado perante uma situação de facto, o governador dá ordem às escassas tropas portuguesas para retirarem para Aileu, evitando desse modo o contacto directo com o contingente anglo-holandês.

A reacção à ocupação do Timor português por forças militares aliadas não se fez esperar. Na metrópole e nas colónias a incredulidade dava lugar à indignação.

*Este injustificável atentado contra a soberania portuguesa causou em Macau enorme repulsa e indignação, ao mesmo tempo que levou a admitir a possibilidade de o País entrar na luta contra os anglo-americanos ou, o que seria bem desagradável, a recuar que os japoneses, como represália, se resolvessem a ocupar esta Colónia, onde se encontravam milhares de refugiados chineses e europeus! — recorda António de Andrade e Silva no livro *Eu Estive em Macau Durante a Guerra*.*

Ainda sob o efeito dos preocupantes acontecimentos, António de Oliveira Salazar

apressa-se a relatar, perante a Assembleia Nacional, os acontecimentos de Timor.

*O que a nós — pequeno e fraco país — não é permitido fazer, igualmente não deve ser permitido aos governos de grandes impérios.*

Anuncia, na ocasião, a intenção de reforçar a guarnição da ilha. Um protesto formal é entregue ao Governo inglês, na qualidade de responsável pela política da Commonwealth.

Na sua edição de 24 de Dezembro de 1941, o jornal *A Voz de Macau* dava conta da revolta do povo português *em face da súbita e arbitrária ocupação da Colónia de Timor*.

Na mesma edição, aquele diário macaense dava destaque à continuação dos ataques japoneses a Hong Kong — iniciados a 8 de Dezembro — e às Filipinas.

*Em Hong Kong, a luta continuava intensa, ouvindo-se frequentemente em Macau os fortes estrondos dos bombardeamentos; muitas vezes, dos pontos altos da cidade, avistavam-se espessas colunas de fumo provenientes dos incêndios que iam destruindo aquela linda Colónia — refere Andrade e Silva na obra supracitada.*

O exército japonês estendia os seus longos tentáculos a todo o Oriente.

### Expedição a Timor

Os acontecimentos sucedem-se em catadupa. O Governo português decide-se pela mobilização de um contingente em Moçambique, tendo por missão a reposição da ordem na colónia de Timor. Graças aos contactos desenvolvidos com os Aliados, tinha ficado tacitamente acordado que as tropas australianas e holandesas retirariam de solo timorense, logo que fossem substituídas por forças militares portuguesas.

A *blitzkrieg* em versão nipónica viria a deitar por terra os esforços

feitos nesse sentido. O contingente militar sai de Moçambique, em Janeiro de 1942, mas não chegará ao seu destino. O exército japonês intensifica as acções militares no Pacífico e, a 15 de Fevereiro de 1942, ocupa Singapura.

Apanhado em pleno teatro de guerra, o contingente militar português é obrigado, pela força das circunstâncias, a desviar o rumo em direcção à Índia. Só terminado o conflito mundial seria, finalmente, enviada uma nova força expedicionária portuguesa para Timor.

### A invasão japonesa

Frustrada a intenção de fazer chegar efectivos militares à colónia, o Governo português prossegue uma intensa actividade diplomática relacionada com a questão de Timor.

Mas, mais uma vez, a velocidade com que os acontecimentos se desenrolam colhe as Necessidades de surpresa. A 19 de Fevereiro, o ministro japonês em Lisboa dá conta de que forças nipónicas *se teriam visto obrigadas, para própria defesa, a expulsar do Timor português as tropas anglo-holandesas ali desembarcadas*.

Iniciava-se assim um negro período de três anos e meio, durante o qual Timor foi palco de violentos combates travados entre japoneses, australianos e holandeses. A intervenção armada nipónica em Timor ficou, desde logo, marcada pelo terror e violência junto da população local. O exército imperial japonês, já com um negro *curriculum* em matéria de atrocidades, não perdeu tempo a perpetrar todo o género de excessos.

Acossados por um inimigo numericamente superior e mais bem apetrechado, os australianos, apoiados por alguns holandeses, retiraram-se apressadamente para as montanhas. Tirando partido do acidentado relevo timorense, as

## ORGULHOSAMENTE SÓS

Completarei as informações que venho dando à Câmara com alguns dados relativos à nossa Colónia de Timor, cuja situação tem sido objecto dos maiores cuidados e diligências, mas não pode dizer-se esteja satisfatoriamente resolvida.

[...] As forças portuguesas foram desviadas para a Índia, aguardando outra oportunidade, e a luta entre as forças japonesas e as australianas e holandesas continuou durante algum tempo, até que as forças nipónicas expandiram a toda a ilha a sua ocupação. A Câmara foi igualmente informada do protesto apresentado pelo Governo e do seu propósito de recomeçar com o Governo Imperial as diligências necessárias à satisfatória resolução do novo incidente.

Supõe-se que, não podendo o Governo Japonês invocar quaisquer obrigações de aliança para defesa das nossas pressões, nem a necessidade da ocupação para ulteriores operações de guerra, pois tinha em seu poder a parte holandesa da ilha, nem a necessidade de defender-se contra o perigo de retorno das forças australianas, pela própria evolução das operações militares, seria possível, acabada ali a luta, restabelecer a situação anterior de respeito pela neutralidade do território, embora devessem tomar-se medidas para garantir de facto a sua inviolabilidade futura por parte de qualquer dos beligerantes.

Durante alguns meses, com luta no território, a situação tornou-se difícil. Sofreram-se bombardeamentos aéreos, a evacuação da capital, as requisições militares, todos os incómodos e gravames que a guerra traz inevitavelmente consigo. Mas a Soberania era reconhecida; a Administração Portuguesa exercia-se em todo o Território, embora com lacunas inevitáveis, as populações mantinham a disciplina; o Governo, em contacto com o Governador da Colónia, podia ainda dirigir superiormente, aconselhar, tomar providências.

Não se pode dizer o mesmo do período subsequente. Invocando ulteriores necessidades de defesa, as forças japonesas encerraram a estação de rádio no fim de Maio, o último telegrama recebido directamente do Governador tem a data de 28 de Maio do ano findo.

Sem notícias e comunicação de qualquer ordem, a Colónia ficou isolada em relação à Metrópole; só a Austrália conseguiu manter algum contacto. Segue-se um período ainda mais escuro [...]. Pode, porém, afirmar-se que houve sublevações de indígenas, em perfeita tranquilidade sob o nosso domínio, cometendo-se assassinatos de dezenas de pessoas: sacerdotes, médicos, funcionários, simples particulares. Mais de quinhentas pessoas, devido aos meios que

generosa e humanitariamente o Governo Australiano pode fornecer à população em estado de tão grande necessidade, refugiaram-se, nada tendo conseguido salvar senão a vida. Houve roubos, destruições, devastações. As forças japonesas escolheram duas zonas onde se concentraram os elementos europeus que conseguiram escapar aos ataques e não abandonaram a ilha. O Governo está, porém, na capital.

[...] Ignora-se como se exerce a Administração, em que consiste ou a que está reduzida a Soberania Portuguesa, apesar das reiteradas declarações do Governo de Tóquio sobre o respeito que lhe merece.

[...] Separando a necessidade de informação objectiva e imparcial de todas as outras questões, que seriam depois tomadas uma a uma para resolução conveniente, propusemos a Tóquio enviarmos a Timor um oficial de Macau que fizesse um inquérito aos acontecimentos, inclusive a qualquer responsabilidade do Governador em actos em que as forças ocupantes pretendiam ver quebras do espírito de neutralidade.

Esta proposta foi declarada inaceitável e ficou até ao presente sem seguimento.

[...] Afora este lastimoso caso, as nossas relações com o Japão têm-se mantido em termos correctos. Mesmo em Macau, onde a situação tem por vezes oferecido aspectos graves, devido à situação militar e política do Extremo Oriente e à falta de géneros alimentícios, as relações com as autoridades militares nipónicas nos territórios vizinhos têm-se mantido de forma a solucionarem-se razoavelmente as maiores dificuldades. Os boatos, que há semanas correram, de ataques à mão armada e de invasão do nosso território por forças chinesas de Nanquim ou por forças japonesas não são exactos.

As autoridades chinesas e nipónicas locais, com quem é forçoso tratar de problemas relativos à vida da Colónia, têm mais uma vez demonstrado a sua boa vontade.

O Governador tem sido inexcedível de coragem, de tacto e de patriotismo.

Mas a situação de Timor persiste depois de dois anos de negociações pacientes, lentas, intermináveis, infrutíferas. E no entanto é preciso achar-lhes solução; o Governo entende que só a integral restauração da nossa Soberania é aceitável.

[...] Temos vencido as outras crises; também venceremos, porque temos condições para isso, a crise da paz. Mas precisamos de estar preparados e decididos como se fosse para vencer a guerra.

Extractos do discurso proferido por Oliveira Salazar na Assembleia Nacional a 26 de Novembro de 1943.

forças especiais australianas reorganizam-se para fazerem face à máquina de guerra nipónica.

A tropa portuguesa, por sua vez, permanece fiel à condição neutral a que o Governo a obrigara. De resto, com fraquíssimos recursos em homens e material, pouco mais poderia fazer.

Alguns soldados fogem para as montanhas, outros são internados em campos de detenção. O próprio governador fica virtual prisioneiro dos japoneses. A capital é transferida para uma povoação a 120 quilómetros de Díli.

Depressa a ilha ficou

terreno. Organizados em pequenos grupos, os australianos movimentam-se constantemente, não dando tréguas a um inimigo obrigado a constante vigilância.

### Corte nas comunicações

Segue-se um período ainda mais negro na história da ocupação nipónica de Timor. Desnorteados e espartilhados pela condição neutral a que Portugal se remetera, os portugueses passam a assumir o papel de espectadores menores dos acontecimentos protagonizados no Timor sob soberania nacional. Em Maio de 1942, os japoneses assentam um rude golpe na administração

[...] Ignora-se como se exerce a Administração, em que consiste ou a que está reduzida a Soberania Portuguesa, apesar das reiteradas declarações do Governador de Tóquio sobre o respeito que lhe merece.

Salazar admite, deste modo, a impotência do seu governo para tomar as rédeas aos acontecimentos protagonizados em Timor. Como se não bastasse, a delicada situação de Macau, com as tropas japonesas à porta, vem dar preocupações acrescidas ao ministro dos Negócios Estrangeiros, assoberbado com os complicados assuntos da política internacional.

### Gato e rato

Temendo uma eventual invasão nipónica do seu território nacional, a partir de Timor, os australianos foram dos primeiros a tomarem consciência da importância estratégica da colónia portuguesa.

A invasão japonesa não permite que os soldados australianos concluam com sucesso as acções de consolidação que estavam a empreender em Timor em finais de 1941.

Ao verem os japoneses desembarcarem em Díli, os militares australianos, bem treinados e armados, não se acobardam. Pertencentes a uma unidade especial recentemente formada, inspirada na experiência colhida por "comandos" ingleses no teatro de guerra, estão bem organizados e preparados para se adaptarem às novas circunstâncias.

Começam por resistir, com algum sucesso, às primeiras vagas do exército nipónico. No entanto, a vantagem numérica e bélica dos nipónicos acaba por se impor. A aviação japonesa domina, nessa fase, os céus de Timor.

Os australianos recuam então para as montanhas, onde dão início a contundentes acções, ao jeito da guerrilha, em estreita



Alguns timorenses receberam treino militar na Austrália. Lançados de pára-quedas em Timor, participaram activamente na resistência ao invasor nipónico — muitos, a custo da própria vida

transformada em teatro de intensas operações militares. Os japoneses agrupavam-se em torno dos maiores centros populacionais, realizando, a partir das bases ali instaladas, incursões contra o invisível inimigo. Nas montanhas, os australianos, contando com o indispensável apoio dos nativos, lançam no terreno devastadoras operações de guerrilha. "Golpes de mão" cuidadosamente planificados desbaratam um elevado número de forças nipónicas, que mostram algumas dificuldades de adaptação ao

português ao ocuparem a estação de rádio, privando assim o governador de, através de Macau, estabelecer contacto com o Governo da República.

Isolados do mundo e entregues à sua própria sorte, administradores, tropa portuguesa e nativos sofrem, durante três anos e meio, todo o tipo de sevícias e humilhações.

Comentando novamente, perante a Assembleia Nacional, a 26 de Novembro de 1943, a melindrosa situação de Timor, Oliveira Salazar pinta o quadro em tons negros:

## UM PADRE DIFERENTE

Estranheza. É, no mínimo, o sentimento que se tem ao entabular conversa com o padre Francisco Fernandes. Este homem franzino e de sorriso generoso fala-me das agruras da guerra em Timor. Das atrocidades cometidas pelos japoneses, dos fuzilamentos de padres, das mulheres timorenses obrigadas a saciarem os desejos dos soldados do Império do Sol Nascente. Do pai barbaramente torturado e assassinado e do irmão que tombou nas fileiras da guerrilha, ao lado dos australianos. Histórias de um povo que aprendeu a sofrer demasiado cedo.

Sigo o relato com todos os sentidos alerta. E no entanto os meus olhos não despregam de dois tanques de guerra e um avião de combate. Dois brinquedos em miniatura que ocupam lugar de honra na caótica secretaria do meu interlocutor. Os estranhos objectos disputam o privilégio com um pequeno estandarte do Belenenses. Decididamente, não estou perante a estereotipada figura de um padre.

Debaixo de uma figura aparentemente frágil, esconde-se um homem habituado a ver o mundo e o sofrimento dos homens que nele habitam. Gaiato de apenas quatro anos ao tempo da invasão japonesa de Timor, Francisco Fernandes guarda na memória algumas cenas que o marcaram. Lembra-se do silvo das balas, dos coqueiros — o sustento do povo timorense — selvaticamente abatidos pelos japoneses para construírem pontes. Das escolas onde a petizada era obrigada a aprender japonês. E onde o pequeno Francisco aprende canções militares que ainda sabe trautear.

Ainda há pouco tempo, numa reunião de religiosos em Hong Kong, consegui pôr uns japoneses a rir com essas canções. Amavelmente deram-me a entender que não eram canções bonitas, pertenciam ao exército imperial nipónico.

colaboração com os nativos, manifestamente pró-Aliados.

### **Japoneses eram parvos**

O padre timorense Francisco Fernandes, a trabalhar na Diocese de Macau, registou na



A família do padre Francisco Fernandes (na foto com o governador Rocha Vieira e o ex-ministro Marques Mendes) foi uma das vítimas da guerra em Timor

Para além das duvidosas canções, Francisco Fernandes aprendeu também a equilibrar-se em duas rodas. Aprendi a andar de bicicleta à custa dos japoneses — conta, logo explicando que, quando a guerra acabou eles deixaram imenso material na zona leste da ilha, de onde se preparavam para assaltar a Austrália, incluindo milhares de bicicletas novas. Para nós foi uma festa. Assim que estragávamos uma bicicleta tratávamos logo de arranjar outra.

Enquanto os mais novos se iam deliciando com os despojos da guerra, os mais velhos tentavam reencontrar as famílias, construir novas casas. Esquecer o pesadelo.

A passagem da guerra em Timor deixou marcas profundas. De tal ordem que o padre Francisco Fernandes não hesita em falar de uma viragem histórica. A ocupação japonesa passou a ser um marco. Os timorenses quando falam daquele período classificam-no como sendo antes ou depois dos japoneses. Até à década de 60, o ódio era tanto que os japoneses corriam o risco de serem assassinados se, desprevenidamente, aparecessem em Timor.

Passaram-se 50 anos sobre o final da Segunda Guerra Mundial. Os japoneses deram lugar a outras forças de ocupação, mais persistentes. A História teima em fazer de Timor a ilha-mártir.

sua memória de catraio alguns dos momentos aflitivos que o seu povo viveu naquela distante época. Assiste ao terror que se instala nas povoações, aos bombardeamentos, aos espancamentos.

A população local depressa

crisma os principais contendores. Os japoneses são os *matabobo* (olho inchado) e os australianos os *matamutin* (olho azul).

Durante cerca de um ano os australianos não dão tréguas aos japoneses. Tornaram-se mestres no jogo do gato e do rato.



*O relevo irregular do terreno dificultava as operações nipónicas de perseguição às tropas aliadas, que se transferiam sucessivamente de uns locais para os outros do interior, onde, gozando da simpatia das populações, exasperavam os ocupantes que, apoderados de grande raiva, reforçavam os actos de repressão violenta e de bárbara indiscriminação — refere Mário Neves.*

Francisco assiste às manobras militares, fascinado. Para os pequenos é uma festa. Um jogo entre soldadinhos. E o chumbo. Que voa em todas as direcções.

*Lembro-me de ver aviões em combate e dos bombardeamentos, que eram constantes. Os nativos apoiavam abertamente os australianos. Eram homens grandes, bem constituídos. Uns animais de carga.*

*Andavam sempre armados com as célebres pistolas-metralhadoras Thompson, as Tommy Gun. Cada soldado australiano levava um timorense consigo.*

*Muitos salvaram as vidas devido ao apoio dos nativos que, graças ao perfeito conhecimento do terreno, achavam rapidamente caminhos de fuga ao inimigo — recorda Francisco Fernandes.*

*O régulo D. Aleixo Corte Real permaneceu fiel à sua condição de português e foi assassinado pelos japoneses. Os seus netos acompanharam o contingente expedicionário português a Timor, no regresso a Portugal, em 1946*

A brutalidade dos japoneses depressa provoca ódios viscerais nos nativos, que não hesitam em arriscar as suas vidas ao lado dos australianos. Estes gozavam de popularidade, não só por combaterem ferozmente os nipónicos, mas também por distribuírem generosamente moedas de prata a quem lhes fornecesse apoio logístico e alimentos.

*Os australianos compravam tudo com dinheiro de prata. Desse modo aliaram-se aos régulos. Eles eram espertos; ao passo que os japoneses espancavam a população. Os japoneses eram parvos! — recorda o padre timorense.*

Espalhadas pelo Timor português, as forças australianas funcionam em pequenas bolsas operacionais. Montam postos de observação em pontos estratégicos de onde controlam as movimentações dos japoneses. Os "golpes de mão" são cirurgicamente executados, com efeitos devastadores para os japoneses. Eles, que tinham surpreendido os Aliados com as suas táticas militares inovadoras em diversos pontos da Ásia, teimam em recorrer a operações convencionais em Timor. Com resultados desastrosos.

Curiosamente, japoneses e australianos são inspirados pelo grande mestre chinês da guerra: Sun Tzu. Publicaram-se no Japão mais de cem edições diferentes de Sun Tzu. O tenente-coronel Muto Akira (julgado e condenado como criminoso de guerra) assinou, enquanto estudante e instrutor na Faculdade Imperial para o Estado-Maior, anteriormente à Guerra do Pacífico, um estudo sobre o assunto. Intitulado *Um Estudo Comparativo Entre Sun Tzu e Clausewitz*, esse ensaio circulou largamente nos escalões mais altos da hierarquia militar.

O ataque a Pearl Harbour e a campanha da Malásia são bons exemplos da aplicação das recomendações de Sun Tzu. O

aproveitamento do terreno, operações rápidas, o ludibri, a diversão e a velocidade foram combinados, nestas operações, com mestria.

Mais tarde, porém, seriam os Aliados a assimilar esta devastadora filosofia de guerra, devolvendo-a ao inimigo com juros.

*A velocidade é a essência da guerra. Aproveite da falta de preparação do inimigo. Viaja por estradas onde não sejas esperado e ataca onde não está precavido — recomendava o ancestral mestre da guerra.*

Em Timor, a tropa de elite australiana deu corpo ao espírito de tais ensinamentos. Nos fulminantes golpes contra os japoneses, nunca era esquecida uma das regras de ouro de Sun Tzu: *Combate desce; não subas para atacar.*

Incrustados em abrigos espalhados pelas montanhas, os australianos conseguiram montar uma improvisada cadeia de comando. Durante 13 meses, os cerca de 300 homens da Companhia Independente australiana encarregam-se de não dar descanso aos japoneses. Uma guerra surda, já que nada transpira para fora da ilha transformada num violento vulcão.

Durante os longos meses que se seguem à invasão japonesa não há notícias dos soldados australianos. Os japoneses assenhoreiam-se virtualmente do Pacífico e, em Darwin, o Quartel-General teme o pior. Nem um soldado regressara para relatar o sucedido.

Quando, finalmente, os australianos conseguem montar um rudimentar



O tenente Pires foi um dos arquitectos da resistência armada aos japoneses. A ajuda que pediu a MacArthur não surtiu efeito

Ao Alto: O timorense Patrício Luz foi um dos heróis da resistência aos japoneses. A sua destacada acção como radiotelegrafista foi reconhecida com diversas condecorações concedidas pelos governos português e australiano

rádio-transmissor, entrando em contacto com a base, os comandantes militares respiram de alívio.

### Os mártires da guerra

É neste período de guerra acesa que surgem os actos de bravura, os heróis e mártires da luta contra os japoneses. Soldados australianos, administradores portugueses, timorenses.

Os administradores portugueses, obrigados a manter as aparências da neutralidade, apoiam, veladamente, as acções dos soldados australianos. Nalguns casos chegam a acolher patrulhas nas suas casas. Os régulos, fiéis a Portugal, rapidamente concedem favores à tropa australiana. Alguns pagariam com a vida o desassombro. Como D. Aleixo Corte Real e outros. É conhecido o caso de um desses régulos que, recusando render-se às forças japonesas, enfrentou o pelotão de fuzilamento embrulhado na bandeira nacional.

Os nativos que não colaborassem com os japoneses não viviam por muito tempo. As mulheres que não conseguissem escapar aos *raids* dos súbditos de Hirohito eram imediatamente "recrutadas" como *comfort women* — expressão que, passadas cinco décadas sobre o fim do segundo conflito mundial, ainda provoca arrepios na Ásia.

Alguns portugueses destacaram-se na

resistência, passiva ou activa, às tropas de ocupação. O engenheiro Canto e Castro foi um desses compatriotas empenhados em atenuar as agruras dispensadas ao povo de Timor. Júlio Madeira, um mestiço timorense, também ficou famoso. Francisco Fernandes descreve-o:

*Era um guerrilheiro nato. Causou pesadas baixas aos japoneses. A dada altura os oficiais nipónicos exigiram a Canto Castro que intimidasse Júlio Madeira a render-se. É que ele tinha abatido o "tigre de Singapura", um dos mais importantes generais do Exército Imperial. Os japoneses estavam furiosos. Júlio Madeira acabou por se render entregando as armas a Canto e Castro e não aos japoneses. Miraculosamente os japoneses pouparam-lhe a vida, tendo sido internado num campo de concentração.*

Mas as recordações de Francisco Fernandes são ainda mais dolorosas. Quando uma fragata australiana encalhou junto à costa timorense, o pai de Francisco Fernandes, um respeitado régulo, mal suspeitava que estava a assinar a sentença de morte.

A coberto da neutralidade da colónia na conflagração mundial, o régulo prestou assistência aos marinheiros australianos, arranjando-lhes cavalos e comida.

Alguns dias mais tarde, quando os japoneses ocupam a ilha, são confrontados com o inusitado achado. Um vaso de guerra inimigo, novo em folha, irremediavelmente preso em águas traiçoeiras.

Chamado à presença dos japoneses para explicar o sucedido, João Baptista Guterres Fernandes invoca a neutralidade da colónia portuguesa para justificar o auxílio prestado aos australianos. De pouco lhe vale. Barbaramente torturado,

sucumbe ao fim de uma semana. Um dos irmãos do pequeno Francisco revolta-se e foge para as montanhas onde se junta aos australianos. Viria a tomar em combate.

### S.O.S. a MacArthur

Manuel de Jesus Pires, um antigo tenente do exército português radicado em Timor, onde granjeara o respeito da população nativa como administrador do conselho de Baucau, não se conforma com o abandono a que Portugal e Aliados haviam condenado a terra que fizera sua. Evacuado conjuntamente com a família e outros portugueses para a Austrália, Manuel de Jesus Pires, homem de espírito aguerrido — era veterano dos campos de batalha da I Guerra Mundial —, depressa entra em contacto com os norte-americanos, pedindo a estes para intervirem na colónia portuguesa.

Pires escreve directamente ao general MacArthur explicando a delicada situação de Timor, as atrocidades perpetradas pela tropa nipónica, os riscos que decorrem para a Austrália do expansionismo militar nipónico naquela zona geográfica.

A correspondência secreta trocada com o lendário general americano deixa transparecer o angustiado estado de espírito do antigo oficial português. Pires quer mudar o curso dos acontecimentos com as suas próprias mãos. Desafiando os seus 50 anos, pede para que lhe facultem treino de "comando" e que o coloquem, de pára-quedas, em Timor, a fim de organizar a resistência armada.

MacArthur mostra-se sensibilizado com o drama vivido em Timor, mas as suas preocupações estão mais voltadas para outros quadrantes, designadamente, as Filipinas.

[...] Contudo, dado que a sua terra natal não está em guerra com o Japão, este problema é um

daqueles que requer um considerável período de tempo para se encontrar uma solução satisfatória. Tenho a certeza de que tudo o que for possível está a ser feito para conseguir a evacuação do seu povo do Timor português e não é certamente nosso desejo que ele fique à mercê dos japoneses.

MacArthur vai respondendo, com evasivas, às missivas do empenhado ex-combatente português.

Pires é finalmente transportado de submarino para Timor, onde organiza bolsas de resistência armada aos invasores. Viria, também ele, a cair em combate no solo que tanto amava.

### O domínio japonês

O livro *Companhia Independente*, escrito por Bernard J. Callinan, relata pormenorizadamente os confrontos entre australianos e japoneses em Timor.

Nessa obra, não traduzida para português, o autor, um antigo capitão do exército australiano, descreve as peripécias que, conjuntamente com outros 300 camaradas de armas, viveu em Timor.

Não parece levantarem-se dúvidas quanto à bravura das tropas especiais australianas enviadas para Timor. Quando desembarcaram em Timor, os japoneses tinham um contingente de 1.000 homens. Mais tarde, face à resistência encontrada, o número de soldados do exército imperial passou para 6.000 e, numa fase posterior, atingiu os 15.000 homens.

A dada altura, o comando militar japonês resolve comprometer em Timor alguns dos seus soldados veteranos, incluindo um regimento de fuzileiros da 38.ª divisão, cuja última façanha tinha sido a conquista de Hong Kong. Os japoneses empregam coreanos e, em determinada fase, nativos timorenses do lado holandês da ilha, contra os australianos e

GENERAL HEADQUARTERS  
SOUTHWEST PACIFIC AREA  
OFFICE OF THE COMMANDER-IN-CHIEF

March 6, 1943

Dear Mr. Pires:

**SECRET**

General MacArthur has asked me to answer your recent letter and to tell you that he realizes exactly how you feel. How ever since your native land is not at war with Japan, this problem is one which requires a considerable period of time for a satisfactory solution. I am sure that everything possible is being done to accomplish the evacuation of your people from Portuguese Timor and it is most certainly not our desire that they be left to the mercy of the Japanese.

The General says also to tell you that he is sure you have done everything in your power, and that you should not feel that you have been dishonored in the least in this matter.

Most sincerely yours,

Charles H. Morhouse  
CHARLES H. MORHOUSE  
Lieutenant Colonel, M. C.  
Aide-de-Camp

GENERAL HEADQUARTERS  
SOUTHWEST PACIFIC AREA

March 30, 1943

**SECRET**

Lieut. Manoel de Jesus Pires,  
14 Ronald Street,  
Dandenong, Victoria.

Dear Lieutenant:

The Commander-in-Chief has directed me to acknowledge your letter of 1<sup>st</sup> March and 2<sup>nd</sup> March, and to say that your plea for evacuation of approximately three hundred Portuguese Nationals, Chinese and Natives from Portuguese Timor has been given most sympathetic consideration and that he regrets at present, he has no means available for the successful accomplishment of this project, but that the matter will be kept in mind and reconsidered if means become available.

For the Commander-in-Chief:

*Willoughby*  
C. A. WILLWOUGHBY,  
Brigadier General, U.S. Army,  
A. C. of S., G-2.

**SECRET**

GENERAL HEADQUARTERS  
SOUTHWEST PACIFIC AREA  
MILITARY INTELLIGENCE SECTION, GENERAL STAFF

March 21, 1943.

**SECRET**

Mr. Manoel de Jesus Pires,  
Co-Wabec Private Hotel,  
470 St. Kilda Road,  
MELBOURNE, VICTORIA.

Dear Sir:

Your letter of March 11th, 1943, has been read with interest by the Commander-in-Chief. He has asked me to say that the services you have rendered to the Allied cause are well understood and appreciated, and that at the appropriate time this Headquarters would be glad to take advantage of your generous offer of further assistance.

Yours very sincerely,

*Willoughby*  
C. A. WILLWOUGHBY,  
Brigadier General, U.S. Army,  
A. C. of S., G-2.

**SECRET**

GENERAL HEADQUARTERS  
SOUTHWEST PACIFIC AREA  
MILITARY INTELLIGENCE SECTION, GENERAL STAFF

April 5, 1943.

**SECRET**

Lt. Manoel de Jesus Pires,  
14 Ronald Street,  
Dandenong, VICTORIA.

My dear Lieutenant:

Your letter of 12th March has been received through Naval channels.

It is not considered expedient at this time to drop you by parachute in Portuguese Timor, as requested by you. The matter will be given consideration at a later period. You will be notified in due course.

Yours sincerely,

*Willoughby*  
C. A. WILLWOUGHBY,  
Brigadier General, U.S. Army,  
A. C. of S., G-2.

Na correspondência secreta trocada com o general MacArthur a partir da Austrália (nunca publicada), o antigo oficial português Manuel de Jesus Pires revela o seu angustiado estado de espírito pelos acontecimentos de Timor. MacArthur responde com evasivas...

## TIMOR: A GUERRA ESQUECIDA

nativos portugueses. As terríveis "colunas negras" semeiam a devastação.

Graças ao apoio que os nativos davam aos australianos, os japoneses raramente conseguiam penetrar no interior. Quando o faziam, a carnificina era certa. Uma certo dia, duas companhias japonesas aventurem-se na localidade de Lachó. Uma emboscada montada por cinco australianos infligiu centenas de baixas nas fileiras japonesas. Três dias mais tarde, a aviação nipónica arrasava a povoação

onde até então vivera o pequeno Francisco Fernandes.

Quando os soldados australianos são finalmente evacuados, no princípio de 1943, deixam atrás de si 1.500 baixas provocadas ao inimigo, contra 40 dos seus, mortos em combate.

Um monumento erguido na base naval de Garden Island, na Austrália, evoca os nomes dos soldados e civis caídos na guerra em Timor, incluindo alguns portugueses.

### *Os feitos de Patrício Luz*

Quando, após a luta desigual travada durante longos meses, os

australianos são evacuados para a Austrália, Timor fica totalmente à mercê dos japoneses.

No entanto, os soldados australianos tinham deixado atrás de si uma arma secreta. Chamava-se ela Patrício Luz, um timorense que recebera treino de "comando" na Austrália.

*Aí começou a morte dos japoneses. O Patrício tinha estudado radiotelegrafia em Macau e, como tinha espionagens por todo o lado, comunicava as movimentações dos japoneses à Austrália — explica o padre Fernandes.*

De Darwin e outros pontos da Austrália partiam então os

## O PREÇO DA NEUTRALIDADE

### **13 de Outubro de 1941**

Os governos de Portugal e Japão acordam no estabelecimento de uma nova carreira aérea entre Palaos, na Nova Guiné, e Díli, em Timor. Os aviões nipónicos ficam assim autorizados a usarem o aeródromo principal da colónia portuguesa. O contrato é assinado em Lisboa, sendo a parte portuguesa representada pelo próprio Oliveira Salazar, e a parte nipónica pelo embassador japonês.

### **17 de Outubro de 1941**

O Gabinete da Guerra australiano manifesta grande preocupação pela concessão de uma linha aérea Palao-Díli aos japoneses.

### **19 de Outubro de 1941**

O avião quadrimotor Sazanami, pertencente à Japan Airways Company, chega a Díli, na sua oitava e última experiência entre Palao e Timor, antes da inauguração da nova linha aérea, à luz do acordo assinado entre Portugal e o Japão.

### **24 de Outubro de 1941**

As autoridades nipónicas instaladas em Xangai asseguram que o acordo firmado entre Portugal e o Japão para a ligação aérea Palao-Díli será válido por 15 anos, para auxiliar o desenvolvimento das possessões portuguesas (...) num espírito de reciprocidade e entendimento das necessidades de cada um e não sob pressão de qualquer espécie.

### **17 de Dezembro de 1941**

Sob o pretexto de que estaria iminente um ataque japonês, um contingente de forças australianas e holandesas desembarca em Díli. Obedecendo às instruções que recebera de Lisboa para manter a neutralidade a todo o custo, e não se tratando de um ataque efectivo, o Governador não solicita ajuda. O Governo português apresenta um protesto formal em

Londres, junto do Governo britânico, na qualidade de responsável pela política da Commonwealth.

### **19 de Dezembro de 1941**

António de Oliveira Salazar, ao tempo presidente do conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, relata, perante a Assembleia Nacional, os acontecimentos de Timor. *O que a nós — pequeno e fraco país — não é permitido fazer, igualmente não deve ser permitido aos governos de grandes impérios.*

Anuncia, na ocasião, a intenção de reforçar a guarnição da ilha. Em Berlim, o ministro dos Negócios Estrangeiros germânico condena a intervenção aliada em Timor.

### **20 de Dezembro de 1941**

As autoridades nipónicas fazem saber que a acção militar aliada em Timor causou repugnância ao espírito do povo japonês.

### **Janeiro de 1942**

Partem de Lourenço Marques os primeiros contingentes do exército, em transporte escoltado por unidades da Armada portuguesa, com destino a Timor. Os Aliados e as potências do Eixo são informadas da iniciativa portuguesa a fim de se evitarem incidentes no percurso marítimo até à ilha portuguesa.

### **19 de Fevereiro de 1942**

O ministro japonês em Lisboa apresenta-se nas Necessidades, dando conta de que forças nipónicas haviam sido "obrigadas" a expulsar tropas anglo-holandesas de Timor. A capital é transferida de Díli para uma localidade a 120 quilómetros de distância. O Governador de Timor fica virtualmente prisioneiro das forças nipónicas.

### **Maio de 1942**

As forças de ocupação nipónicas ocupam a estação de rádio, impossibilitando o acesso ao único meio de comunicação entre o Governador e

bombardeiros Hudson que dizimavam as posições nipónicas.

Célebre ficou um certo episódio protagonizado pelo intrépido timorense. Ao avistar uma esquadra japonesa que incluía porta-aviões, Patrício Luz apressou-se a comunicar a descoberta para o Quartel-General na Austrália.

Trocando com os duvidosos conhecimentos navais do radiotelegrafista, os militares australianos não lhe deram o necessário crédito. Vinte e quatro horas mais tarde, Darwin foi arrasada pela aviação nipónica. A partir daí as mensagens de

Patrício Luz eram religiosamente ouvidas no alto comando das forças armadas australianas...

Hoje a viver em Sidney, na Austrália, Patrício Luz gosta, volta e meia, de colocar ao peito as oito medalhas que lhe foram atribuídas pelos governos australiano e português. Ele é, de resto, o civil mais condecorado na Austrália, por feitos militares.

### *O fim do suplício*

Sob o jugo nipónico, Timor permanecia isolado do mundo. Pouco ou nada se sabia do que ali se passava. Segundo algumas fontes, o Governo português

tenta persuadir o Governo de Tóquio a permitir que a ilha seja visitada por um oficial português enviado de Macau, o que terá conseguido. Sabe-se apenas que a missão não correu tão bem como as autoridades portuguesas desejavam.

Entretanto, a balança da guerra começa a pender a favor do Aliados e o Governo português enceta negociações diplomáticas tendo em vista anular eventuais reivindicações à tutela da ilha por parte de australianos.

No teatro de guerra, as forças Aliadas alcançam sucessivas vitórias. Adivinha-se o fim do pesadelo exportado pelo exército

Lisboa, por intermédio de Macau.

#### **17 de Julho de 1942**

Forças militares especiais australianas reunidas para a "Operação Lagarto" são introduzidas em Timor. Um grupo do Services Reconnaissance Department (SRD) desembarca em Sui. O objectivo da missão consistia em obter a simpatia dos nativos e portugueses europeus para que estes não cooperassem com os japoneses. Depois de se ter debatido com numerosas dificuldades, o grupo regressa à Austrália em 18 de Agosto de 1942. Uma vez reorganizados, os militares australianos são reintroduzidos em Beasso a 2 de Setembro de 1942, permanecendo em Timor até 10 de Fevereiro de 1943. Deixam atrás de si 1.500 baixas nipónicas com a perda de apenas cinco dezenas de soldados australianos.

#### **26 de Novembro de 1943**

Dirigindo-se à Assembleia Nacional na abertura da sessão legislativa de 1943-44, Oliveira Salazar fala sobre a situação de Timor. O então ministro dos Negócios Estrangeiros confessa ignorar *como se exerce a Administração, em que consiste ou a que está reduzida a Soberania Portuguesa, apesar das reiteradas declarações do Governador de Tóquio sobre o respeito que lhe merece.*

#### **1 de Setembro de 1945**

O Governador recebe o vice-cônsul nipónico que o informa sobre o cessar das hostilidades no Oriente. A guerra na Europa tinha terminado a 8 de Maio e os japoneses haviam deposto as armas e pedido a paz em 15 de Agosto, factos que o Governador Manuel Ferreira de Carvalho desconhecia em absoluto, fruto do isolamento forçado a que fora submetido.

#### **Agosto de 1945**

Parte de Lourenço Marques uma expedição

militar e naval destinada a garantir a reposição da soberania portuguesa em Timor. Surgem informações de que a Austrália estaria disposta a reivindicar interesses militares e administrativos em Timor. Os australianos aceitam a rendição militar japonesa a bordo de um navio ancorado no porto de Koepang, em águas do sector holandês de Timor.

#### **15 de Setembro de 1945**

São restabelecidas as comunicações entre o Governador da colónia e Lisboa. Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho retoma o pleno exercício da sua autoridade.

#### **Setembro de 1945**

Nos últimos dias do mês, chega a Timor o corpo expedicionário português. A população acompanha, emocionada, o desembarque. O Governador é substituído pelo encarregado do governo enviado da metrópole para o efeito.

#### **8 de Dezembro de 1945**

O Governador da colónia, acompanhado da família, e outros 160 portugueses empreendem a viagem de regresso a Portugal. Rezam as crónicas que este grupo de portugueses, fatigados e envelhecidos pelas agruras dos três anos e meio da ocupação nipónica, teria recebido tratamento pouco condizente com os sacrifícios protagonizados em Timor.

#### **12 de Abril de 1946**

Chegada a Lisboa dos repatriados de Timor.

#### **8 de Maio de 1946**

Chegada do Quanza ao cais de Alcântara, trazendo de Timor o contingente militar das forças expedicionárias ao Extremo Oriente, e dois netos do régulo D. Francisco da Costa Aleixo — que, fiel à sua condição de português, foi vítima dos invasores nipónicos.

japonês para quase todos os cantos da Ásia.



É neste cenário que, a 1 de Setembro de 1945, o governador de Timor é procurado pelo comandante das forças ocupantes, acompanhado do vice-cônsul nipónico. Estupefacto, Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho é informado do cessar das hostilidades, em virtude do armistício assinado pelo Japão.

A guerra na Europa tinha terminado no dia 8 de Maio e os japoneses haviam depositado as armas e pedido a paz em 15 de Agosto, mas as

*O filho e a neta do tenente Pires junto ao monumento erguido em memória dos combatentes do SRD, que tombaram na luta contra os japoneses*



autoridades administrativas portuguesas em Timor, entregues à mais completa ignorância relativamente ao curso dos acontecimentos mundiais, de nada sabiam.

Ainda sem qualquer contacto directo com Lisboa, o governador começa a restabelecer a autoridade administrativa na colónia. Em Agosto de 1945 parte de Lourenço Marques uma expedição militar destinada a garantir a reposição da soberania portuguesa. Aumentam os rumores de que a Austrália estaria disposta a reivindicar interesses militares e administrativos em Timor. Cientes das susceptibilidades

lusas, os australianos aceitam a rendição militar japonesa a bordo de um navio ancorado no porto de Koepang, em águas do sector holandês de Timor.

Em Setembro de 1945 chega a Timor o contingente militar português e o novo encarregado do governo que vai substituir Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho. A 8 de Dezembro, o governador, acompanhado de 160 portugueses, deixa a colónia.

*De regresso a Portugal, estavam reservados a estes compatriotas, fatigados, envelhecidos e estropiados, algumas desilusões e tratamento nem sempre correspondente aos tremendos sacrifícios que haviam sofrido durante os três anos e meio de penoso cativeiro* — revela Mário Neves.

É hora de começar a sarar as feridas. Que para muitos teimaram em permanecer vivas. M